



2024.2 . Ano XLI . Número 48

CALÍOPE

Presença Clássica

*Dossiê “Estudos sobre a literatura helenística
e a sua recepção antiga e moderna”*

Separata 6

2024.2 . Ano XLI . Número 48

CALÍOPE

Presença Clássica

ISSN 2447-875X

Separata 6

Dossiê “Estudos sobre a literatura helenística
e a sua recepção antiga e moderna”

ORGANIZADORES

Flávia Amaral | Fernando Rodrigues Jr. | Rainer Guggenberger

EDITORES

Fábio Frohwein de Salles Moniz
Rainer Guggenberger

Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas
Departamento de Letras Clássicas da UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
REITOR Roberto de Andrade Medronho

CENTRO DE LETRAS E ARTES
DECANO Afranio Gonçalves Barbosa

FACULDADE DE LETRAS
DIRETORA Sonia Cristina Reis

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS
COORDENADOR Rainer Guggenberger
VICE-COORDENADOR Fábio Frohwein de Salles Moniz

DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS
CHEFE Ticiano Curvelo Estrela de Lacerda
SUBSTITUTO EVENTUAL Beatriz Cristina de Paoli Correia

EDITORES
Fábio Frohwein de Salles Moniz
Rainer Guggenberger

CONSELHO EDITORIAL
Alice da Silva Cunha
Ana Thereza Basilio Vieira
Anderson de Araujo Martins Esteves
Arlete José Mota
Auto Lyra Teixeira
Ricardo de Souza Nogueira
Tania Martins Santos

CONSELHO CONSULTIVO
Alfred Dunshirn (Universität Wien)
David Konstan (New York University) – *in memoriam*
Edith Hall (King's College London)
Frederico Lourenço (Universidade de Coimbra)
Gabriele Cornelli (UNB)
Gian Biagio Conte (Scuola Normale Superiore di Pisa)
Isabella Tardin (Unicamp)
Jacyntho Lins Brandão (UFMG)
Jean-Michel Carrié (EHESS)
Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra)
Martin Dinter (King's College London)
Victor Hugo Méndez Aguirre (Universidad Nacional Autónoma de México)
Violaine Sebillote-Cuchet (Université Paris 1)
Zelia de Almeida Cardoso (USP) – *in memoriam*

CAPA
Mosaico que representa uma cena marinha. Séc. I d.C. Ampúrias, L'Escala, Alt Empordà (Espanha). Foto: Rainer Guggenberger.

EDITORACÃO
Fábio Frohwein de Salles Moniz | Rainer Guggenberger

REVISORES DO NÚMERO 48
Fábio Frohwein de Salles Moniz | Rainer Guggenberger | Leonardo Vichi | Vinicius Francisco Chichurra

Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas | Faculdade de Letras – UFRJ
Av. Horácio Macedo, 2151 – sala F-327 – Ilha do Fundão 21941-917 – Rio de Janeiro – RJ
www.lettras.ufrj.br/pgclassicas – pgclassicas@lettras.ufrj.br

Aristóteles segundo seus comentaristas: uma leitura crítica do *Categorias* I-IV

Eduardo Murtinho Braga Boechat

RESUMO

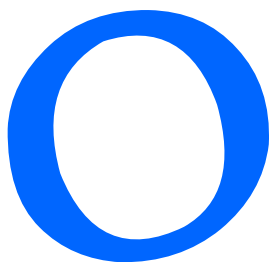
A proposta desse trabalho é analisar os primeiros quatro capítulos do livro de abertura do *Corpus Aristotelicum*, o *Categorias*, a partir de sua recepção na antiguidade. Sabe-se que pelo menos desde o séc. I a.C. a obra de Aristóteles foi catalogada por membros de sua escola e comentada por pensadores de diversas tendências filosóficas – além de peripatéticos, também estoicos, neopitagóricos e neoplatônicos. Assim, fazendo uso desse relativamente farto material preservado, o artigo oferece um comentário do *Categorias* I-IV tentando estabelecer a coerência das opiniões com relação à escola de origem dos comentadores bem como compreender de que maneira as críticas iluminam o texto.

PALAVRAS-CHAVE

Aristóteles; Comentaristas; *Categorias*; Retórica; Estoicismo.

SUBMISSÃO 18.1.2025 | APROVAÇÃO 11.3.2025 | PUBLICAÇÃO 23.6.2025

DOI 10.17074/cpc.v1i48.66877



título do artigo é autoexplicativo. “Aristóteles segundo seus Comentaristas”: a proposta desse trabalho é analisar os primeiros quatro capítulos do livro de abertura do *Corpus Aristotelicum*, o *Categorias*, a partir de sua recepção na antiguidade. Sabe-se que pelo menos desde o séc. I a.C., a obra de Aristóteles foi catalogada por membros de sua escola e comentada por pensadores de diversas tendências filosóficas – além de peripatéticos, também estoicos, neopitagóricos e neoplatônicos. Assim, fazendo uso desse relativamente farto material preservado, o artigo oferece um comentário do *Categorias* I-IV tendo como ponto de partida as observações desses críticos.

“Uma leitura crítica do *Categorias* I-IV”: de fato, os comentários completos ao *Categorias* que foram preservados (e que foram consultados para o presente trabalho) pertencem em sua totalidade a membros da escola neoplatônica (Simplicio, Filopono, Porfírio, Dexippo e Ammônio). Entretanto, os textos em questão regularmente reportam os comentários de pensadores de outras doutrinas. Assim, a proposta do artigo consiste em cotejar as conflitantes posições tentando estabelecer a coerência das opiniões com relação à escola de origem dos comentadores bem como compreender de que maneira as críticas iluminam o texto aristotélico em si.

TÍTULO: *CATEGORIAS*

Os comentaristas mencionam outros títulos que teriam sido aplicados ao livro que nós conhecemos como *Categorias*. Simplicio, por exemplo, comenta que o livro foi também intitulado como *Introdução aos tópicos*, *Introdução aos locais*, *Sobre os gêneros do ser*, *Sobre os dez gêneros*, e *Dez categorias* (cf. especialmente *In Cat.* 15.25-30). A atribuição do título é importante uma vez que ela indica o propósito do livro, ou o propósito que os intérpretes e as escolas lhe pretendem conferir. Três tipos de propósitos ou assuntos (“*skopos*” ou “*prothesis*”) foram atribuídos à obra. O livro seria sobre

as dez categorias enquanto realidades (“*pragmata*”), conceitos (“*noēmata*”), ou expressões (“*phōnai*”).

Os três tipos de enfoque podem ser compreendidos e distinguidos de uma maneira relativamente simples. Os intérpretes que consideravam que a obra enfocava “as coisas em si” (*pragmata*) julgavam que as palavras são assimiladas às realidades que indicam, de modo que as duas partes – palavras e coisas – se transformam em uma única entidade (cf. *Simpl. In Cat.* 11.1-10). Essa abordagem efetivamente idealista pode ser atribuída aos neopitagóricos Eudoro e Pseudo-Arquitas¹ e também ao filósofo Plotino (*In Cat.* 13.21-26). Os intérpretes que julgavam que as dez categorias diziam respeito a “conceitos” (“*noēmata*”) se baseavam em um platonismo menos drástico, mas ainda assim consideravam que as palavras que representavam as categorias possuíam uma carga ontológica. Para estes (toda a escola neoplatônica a quem temos acesso direto), a palavra transmitia o pensamento, ou a ideia elementar, que correspondia à realidade que significava.² Afinal, havia os intérpretes que julgavam que as palavras (“*phōnai*”) meramente expressavam ou indicavam as classificações categóricas, sendo desprovidas de uma validade metafísica inerente. Tal opinião é atribuída pelas fontes neoplatônicas a filósofos que viveram entre os séc. I a.C. e II d.C. como o estoico Athenodoro Calvo (cf. *i.a. Simpl.* 18.28 sqn.) e os peripatéticos Adrasto de Afrodísias e Boetho de Sidon.³

Diretamente associada à opinião relativa ao título e propósito da obra, há a que diz respeito ao grupo de livros do *Corpus Aristotelicum* ao qual o *Categorias* é afiliado.⁴ Há um consenso entre os comentaristas neoplatônicos de que as dez categorias representam as ideias mais elementares a partir das quais o método dedutivo de Aristóteles é estruturado. Assim, o *Categorias* seria o primeiro texto a integrar sua lógica dedutiva-demonstrativa (ou silogística) na qual o *Da interpretação* e o *Primeiros analíticos* gradualmente constroem um sistema lógico que é concluído pelo *Segundos analíticos*. Por outro lado, há também a posição divergente de Adrasto e (provavelmente) Athenodoro de que a obra seria, na verdade, afiliada a sua Lógica dialética. Assim, a obra em questão –

junto com os *Tópicos* e as *Refutações sofísticas* – não apresentaria uma abordagem estritamente científica, mas, como nos debates dialéticos, tentaria chegar às conclusões mais plausíveis a partir do cotejo de opiniões provindas do senso comum – as chamadas *endoxa*.

Considerando as divergências relativas ao título, propósito e afiliação do livro, pode-se distinguir três correntes de interpretação do *Categorias*. Filósofos como Plotino e Eudoro, embasados em um platonismo fundamental, consideravam que as categorias revelavam, de certa forma, a realidade. Tais pensadores procuravam compreender ontologicamente as dez classificações como verdadeiros gêneros metafísicos. Sabe-se, então, que Plotino atribuía os títulos de *Sobre os gêneros do ser* e *Sobre os dez gêneros* ao texto (Simpl. 16.17-20). Os neoplatônicos tardios eram mais moderados quanto à validade das palavras como “universais”, mas ainda assim julgavam que as dez categorias eram palavras que transmitiam conceitos elementares ontologicamente efetivos. Eles promoveram o livro como parte integral de lógica demonstrativa de Aristóteles, e optaram pelo título que permanece até hoje: *Categorias*. Afinal, temos notícia de autores antigos que consideravam o livro como exemplo do método dialético do estagirita. Esses provinham de escolas distintas (estoica e peripatética),⁵ mas unia-os a opinião de que as classificações resultavam de uma argumentação consistente, porém não estritamente científica, a partir de opiniões do senso comum, as *endoxa*. Coerente com essa abordagem, o peripatético Adrasto julgava o texto diretamente associado aos *Tópicos* e chamava-o pelo título que o livro ostentava na época helenística, “Introdução aos tópicos” ou “aos locais”⁶ (Simpl. 379.8-12).

Vale lembrar que havia uma espécie de consenso na antiguidade sobre a importância do *Categorias* como uma obra do *Corpus Aristotelicum* a ser estudada antes das outras. O primeiro organizador do *Corpus*, o peripatético Andrônico de Rodes, que viveu em meados do séc. I a.C., defendia que o estudante devia iniciar suas leituras pela lógica no sentido de que essa providencia como que instrumentos para que o estudante discrimine o falso do

verdadeiro tanto na filosofia prática quanto na teórica. Os comentaristas neoplatônicos endossaram essa posição especificando o *Categorias* como o primeiro estágio no método demonstrativo da lógica (Filop. 5.17-34). Já Adrasto atribuía uma prioridade ao livro por razões diversas. Em seu livro *Sobre a ordem da filosofia de Aristóteles*, ele expõe que argumentações dialéticas como a proposta no *Categorias* devem anteceder as demonstrações científicas (Simpl. 16.1-16). Ele parece aludir aqui ao próprio Aristóteles que regularmente afirma que qualquer pesquisa deve começar pelo facilmente cognoscível (*i.e.*, o provável e plausível) indo em direção ao que é obscuro porém verdadeiro (cf. *i.a. Física* I.1).

CAPÍTULO I

1a 1: “Homônimas [ὁμώνυμα] são ditas as coisas das quais só o nome é comum, enquanto, de acordo com o nome, o enunciado da substância [κατὰ τοῦνομα λόγος τῆς οὐσίας] é outro. Por exemplo, animal é tanto o homem quanto o [seu] retrato, pois somente o nome deles é comum, enquanto o enunciado da substância que corresponde ao nome é outro. Com efeito, se alguém quiser dar conta do que é o ser para o animal, em relação a cada um deles, dará um enunciado próprio a cada um. Dizem-se sinônimas [συνώνυμα] as coisas cujo nome é comum e, segundo o nome, o enunciado da substância é o mesmo; por exemplo, animal é o homem e o boi, pois cada um deles é chamado pelo nome comum animal, enquanto o enunciado da substância é o mesmo. Com efeito, se alguém quiser dar conta do que é, para cada um deles, o ser do animal, dará um mesmo enunciado. Parônimas [παρώνυμα] são ditas todas as coisas que, diferindo-se de uma outra coisa pela desinência, obtém a denominação pelo nome; assim, da gramática, o gramático [ἀπὸ τῆς γραμματικῆς ὁ γραμματικὸς]; e da coragem, o corajoso”.

Comentaristas antigos e modernos alertam para o fato de que o primeiro capítulo – o parágrafo referente a homônimos, sinônimos, e parônimos – soa estranho à obra. Uma observação recorrente diz respeito à própria posição do parágrafo na abertura

da obra. Não fica claro – como comentam, por exemplo, Simplicio (*In Cat.* 21.1 sqn.) e Michael Frede⁷ – como o conteúdo da passagem esclarece ou importa na apreciação do restante do texto. Não seria melhor, lemos em Simplicio, se o autor começasse a obra já introduzindo as categorias? Outra observação concerne às próprias classificações apresentadas. Pelo que se lê nos comentários, havia um outro grupo de classificações que era anterior e corria em paralelo às classificações aristotélicas. A diferença entre os dois grupos não é trivial e está diretamente associada às questões pertinentes ao título da obra.

O conteúdo da passagem acima é relativamente claro. Homônimas são coisas (ou referenciais) diferentes às quais o mesmo nome pode ser atribuído; uma pessoa real e o retrato de uma pessoa, por exemplo. Pode-se pensar também como homônimos (no caso do português) o ato de colher e o objeto colher. Parônimas são as coisas às quais atribuímos nomes etimologicamente associados. Na tradução acima vemos o exemplo de “gramática” e “gramático”, mas o original grego pode também ser rendido como “alfabeto” e “alfabetizado”. A ideia atrás de “sinônimos” é menos clara já que ela é distinta da definição de sinônimo em nossa língua. “Sinônimas” são as coisas às quais podemos atribuir o mesmo nome e enunciado. De fato, a sentença só fica clara quando o autor ilustra sua concepção de sinônimos: um boi e um homem são sinônimos, pois podemos nos referir a cada um deles como “animal” (isso é, pertencem a espécies do gênero animal).

O grupo alternativo de classificações mencionado acima foi elaborado por Espeusipo, o filósofo que sucedeu a Platão como escolarca (*i.e.* líder) da Academia de Atenas. Pelo que se lê nos comentários, esse grupo era formado por cinco classes: além de homônimos, sinônimos e parônimos, havia também os *poliônimos* e *heterônimos*. Concorrentemente, a metodologia de classificação era diferente. Note-se que Espeusipo estabelecia uma comparação de *palavras* e não de *coisas* (ou referenciais). Poliônimos eram palavras diferentes que nomeavam a mesma coisa – algo como a concepção moderna de sinônimo (“mar” e “oceano”, por exemplo).

Heterônimos eram palavras diferentes que nomeavam coisas diferentes (“mesa” e “homem”, por exemplo). Homônimos e parônimos basicamente mantinham a mesma ideia subjacente às classificações aristotélicas. A primeira classificação dizia respeito a palavras iguais que nomeavam coisas diferentes; a segunda a palavras etimologicamente associáveis. Era na classe de “sinônimos” que se percebe uma clara distinção entre os dois grupos. “Sinônimos”, segundo Espeusipo, eram duas palavras iguais que nomeiam a mesma coisa (ou referencial).

O contraste com relação à definição de “sinônimo” deixa, de fato, manifesta a distinção entre um método cujo ponto de partida é a propriedade de coisas e outro cujo ponto de partida é a propriedade de palavras. Note-se que no primeiro, “sinônimos” são o homem e o boi uma vez que cada um deles pode ser chamado de “animal” por serem integrantes do gênero animal. Já no segundo conjunto, “sinônimas” são duas palavras iguais – *i.e.* duas palavras faladas ou escritas que nomeiam a mesma coisa (ou referencial; por ex.: “Aristóteles” e “Aristóteles” quando em dois momentos distintos alguém se refere ao famoso filósofo de Estagira). Como dito acima, o contraste entre os dois conjuntos não é trivial e está, de fato, associado aos diferentes títulos, enfoques e afiliações atribuídos à obra.

Como os comentaristas neoplatônicos repetidas vezes nos lembram (cf. *i.a.* Simpl. 12.1 sqn.), o polêmico parágrafo de abertura reforça a tese de que o enfoque do livro são “coisas”, ou melhor, a ideia (ou conceito, “*noemata*”) que se faz das coisas (cf. n1 acima). A concepção de sinônimos (e homônimos) que nos apresenta o *Categorias* implica na efetividade de uma ideia claramente taxonômica, o “gênero” animal. E, com efeito, a efetiva validade de universais, ou de classes taxonômicas como gênero e espécie, seria recorrente na tradição neoplatônica. Simplicio menciona que o filósofo neo-aristotélico Alexandre de Afrodísia (*fl.* 200 d.C.) argumentava que Aristóteles elaborou as dez categorias como os dez gêneros superiores em que primeiramente se dividia (por meio de “*diairesis*”) tudo o que realmente existe no mundo (*In Cat.* 10.1 sqn.). Similarmente, a mesma tradição idealista

defendia que a expressão “o enunciado da substância” (“λόγος τῆς οὐσίας”) confirmava que as definições pelas quais se identificavam gênero e espécie tinham validade rigorosamente científica (cf. Simpl. 28.12 sqn). Afinal, ao estabelecer um critério de discernimento cujo foco são espécies e gêneros (homem, boi, e animal), bem como o discurso que os identifica (“lógos”), Aristóteles parece incluir o *Categorias* entre os livros que constroem sua lógica demonstrativa como o *Analíticos*.

Por outro lado, os primeiros peripatéticos a escreverem comentários sobre o livro já sugeriram alterações no polêmico capítulo de abertura. Espeusipo era mais de vinte anos mais velho que Aristóteles e fica óbvio pelos comentaristas que as classificações apresentadas no *Categorias* foram pensadas a partir de seu respectivo critério.⁸ Temos notícia, então, que o peripatético Boetho de Sidon, ativo na segunda metade do séc. I a.C., julgava que Aristóteles devesse ter mantido as classificações de Espeusipo (Simpl. 36.28). A tradição também nos diz que ele e Andrônico reescreveram a frase “de acordo com o nome, o enunciado da substância é diferente” (“κατὰ τοῦνομα λόγος τῆς οὐσίας”) excluindo a mensagem relativa à definição da substância (cf. Simpl. 30.1-5). De fato, percebe-se em certas interpretações de Aristóteles uma disposição de reelaborar ou mesmo substituir esse parágrafo inicial. Como esperado, a opinião de que a obra aplicava essencialmente o método dialético requeria uma abordagem empírica baseada em “*endoxa*” e não na premissa da efetiva existência de classes taxonômicas.

Os comentários do *Corpus Aristotelicum* a que temos acesso direto são todos de doutrina idealista ou platônica, mas a partir de alguns excertos dessas obras podemos estabelecer um paralelo entre o *modus operandi* das alternativas idealista-demonstrativa e empírico-dialética. Vemos, de início, que os respectivos critérios de desambiguação eram o do *Categorias*, capítulo I, e aquele atribuído a Espeusipo; ou seja, um era baseado em “coisas”, o outro em “palavras”. Respectivamente, enquanto o primeiro partia de uma ideia geral que se subdividia (via “*diairesis*”) em ideias menos abrangentes – a classe inferior (a espécie) sendo pensada como a

classe superior (o gênero) associada a uma diferença específica – o segundo descreia em ideias universais e tinha como ponto de partida o evento empírico (ou fenomênico): uma palavra escrita ou falada. Ilustrando a abordagem idealista-dedutiva, além do método preconizado por Alexandre acima (ver também Porf. *In Cat.* 58.8-14), testemunhamos a recorrente tese de que certas palavras identificam o significado essencial (ou primordial) das coisas (cf. *i.a.* Porf. *In Cat.* 57.20 sqn.). Já na perspectiva oposta, somos informados que Boetho não acreditava na plena efetividade de conceitos universais como espécie e gênero (Cf. *Simpl.* 50.7-9; *Commentarium anonymi In Cat.* 3.16-26). Boetho, assim, utilizava uma metodologia claramente indutiva: só após a apreciação de todos os significados de um termo, o significado adequado era destacado (cf. *Comm. anon. In Cat.* 10.13-17). Germano a esse ceticismo, há também a recorrente tradição de que Diodoro Crono, um filósofo contemporâneo de Aristóteles, costumava colocar nomes inesperados em seus escravos como “Porém” (“*alla mén*”, uma conjunção). Diodoro basicamente criticava a ideia de que as palavras / nomes pertencem essencialmente a classes ou gêneros específicos (cf. *Simp. In Cat.* 27.18-22).

A perspectiva idealista dos neoplatônicos pode ser claramente compreendida quando eles se deparam com a seguinte aporia: porque Aristóteles introduz a ideia de homônimos e não a noção (ou conceito) de homonímia? Porfírio e Deuxippo fornecem a mesma resposta à questão. Há, segundo os dois, uma prioridade de homônimos sobre a homonímia uma vez que só se pode reconhecer a homonímia quando se nota que duas coisas (“*pragmata*”) são homônimas (61, 13 sqn; 18, 1 sqn. respectivamente). A resposta de Simplício é um pouco diferente na medida em que ele adiciona um exemplo: “Quando alguém diz a palavra ‘cão’, eu posso conceber um animal terrestre, enquanto você concebe um animal marinho” (24.10-15). De fato, fica claro nas respostas e, principalmente, no exemplo de Simplício que homônimas não são duas palavras iguais usadas em contextos distintos, mas, como os três frisam, homônimas são as coisas (“*pragmata*”); isto é, o pensamento ou ideia que se faz das coisas.

Como mencionado acima, os comentaristas neoplatônicos consideravam o *Categorias* como parte integrante da lógica dedutiva-demonstrativa de Aristóteles. Seguindo essa abordagem, o texto funcionaria como propedêutico para obras como o *Da interpretação* e os *Analíticos*, e não se enquadraria no grupo das obras do método dialético como o *Tópicos*, a *Retórica* e a *Poética* (cf. Filop. 5, 7-15). De fato, a tradição idealista concede que Aristóteles chegou a usar o método de desambiguação de Espeusipo. Porfírio (apud: Simplicio) relata que no terceiro livro da *Retórica* e também na *Poética*, Aristóteles usa tal método uma vez que o objeto de pesquisa nessas obras é a multiplicidade de palavras (Simpl. 36.13). É interessante, então, notar que a passagem da *Poética* em questão provavelmente pertence ao famoso segundo tomo da obra que não foi preservado. Com efeito, supõe-se que o livro não preservado investiga o humor verbal, isto é, um contexto em que as palavras são essencialmente usadas fora de seu significado habitual.

Vale notar, afinal, que o método cujo ponto-de-partida são eventos empíricos (ou fenomênicos) – como a vocalização ou a escrita de uma palavra – apresenta claras vantagens em relação ao seu concorrente. Em primeiro lugar, no método padrão do *Categorias*, as classes de homônimos e sinônimos são inapelavelmente “relativas”. Como os comentaristas neoplatônicos nos confirmam, o que era homônimo se tornava sinônimo e vice-versa, de acordo com a simples mudança de ponto de vista (cf. Simpl. 35.2 sqn.). Além disso, o método de Espeusipo é mais consistente do que o do *Categorias* com relação à metodologia empírica (ou *Baconiana*) que o próprio Aristóteles preconiza em passagens como o *Física* (I.1, 184 a 16-25) e *Segundos analíticos* (I.30, 46a 17-22). De fato, quando Boetho lista todos os significados conhecidos de “*genus*”, “*species*” e “*differentia*” (Comm. anon. *In Cat.* 10.13-17), ele está efetivamente testando os dados da experiência (ou empíricos) disponíveis.⁹ Como Adrasto nos lembra, a pesquisa aristotélica ideal tem como primeiro passo a compreensão do que é visível e plausível (Simpl. 16.8).

CAPÍTULO II

1a 16: “Das coisas que são ditas [τῶν λεγομένων], uma são ditas segundo combinação [κατὰ συμπλοκὴν] outras sem combinação. Por exemplo, são ditas, segundo combinação, estas: homem corre, homem vence; e, são, por exemplo, sem combinação, as seguintes: homem, boi, corre, vence”.

Como Filopono comenta (*ad loc*), a instrução sobre as categorias começa efetivamente neste segundo capítulo. De novo, a própria presença de “coisas que são ditas” (“τῶν λεγομένων”) implica que o livro trata das categorias como expressões; ou seja, como as categorias são expressas verbalmente. A abordagem idealista referida acima justifica a caracterização lembrando que o livro trata ao mesmo tempo de coisas, de conceitos e de expressões (ou palavras) que os representam (Simpl. 58.3-6; Filop. 9.20-34). De qualquer maneira, as coisas ditas “segundo combinação” (“κατὰ συμπλοκὴν”) significam o discurso¹⁰ ou a conversa entre as pessoas (*logos*; cf. Simpl. 42.27-30). Estas são introduzidas primeiro por servirem como critério de desambiguação: são o ponto de partida para que se chegue ao significado das coisas “sem combinação”, as categorias. Filopono ilumina a intenção dessa justaposição entre “com” e “sem combinação” se referindo a passagens como o *Física* 1.1 onde Aristóteles escreve que a pesquisa deve partir do mais complexo e familiar indo em direção às simples, porém obscuras, verdades científicas (*In Cat.* 27.10-27; ver também Simpl. 40.26-41, 4).

1a 20: “Das coisas que são [τῶν ὄντων], [a] umas são ditas de um sujeito [τὰ μὲν καθ' ὑποκειμένου τινὸς λέγεται], mas não estão em um sujeito [ἐν ὑποκειμένῳ δὲ οὐδενί ἐστιν]. Por exemplo, homem é dito de um sujeito, a saber, de um certo homem, mas não está em nenhum sujeito. [b] Outras estão em um sujeito, mas não são ditas de nenhum sujeito. Digo estar em um sujeito aquilo que está em uma coisa não como sua parte, mas que não pode existir fora daquilo em que está. Por exemplo, um certo conhecimento gramatical está em um sujeito, a saber, na alma, não sendo dito de nenhum sujeito; e uma certa brancura está em um sujeito, no corpo (pois toda a cor está num corpo), mas não é dita

de nenhum sujeito. [c] Outras coisas são ditas de um sujeito e estão em um sujeito. Por exemplo, o conhecimento estando em um sujeito, na alma, é dito de um sujeito, da gramática. [d] Outras nem estão em um sujeito, nem são ditas de um sujeito. Por exemplo, um certo homem ou um certo cavalo; pois nenhum destes está num sujeito nem é dito de um sujeito. Em geral, os indivíduos e o que é numericamente um não são ditos de nenhum sujeito, apesar de nada impedir de alguns de estarem em um sujeito; pois um certo conhecimento gramatical é algo que está em um sujeito”.

Aristóteles nos apresenta aqui as coisas como elas “são” (“τῶν ὄντων”), e, com efeito, as coisas nunca são isoladas (ou “sem combinação”), mas (como alguém as experimenta e vivencia no mundo) são sempre um composto, ou fruto de combinação. São quatro as classes ou divisões das coisas existentes: a) “[C]oisas ditas de, porém não em um, sujeito”, b) “[...] não ditas de, porém em um, sujeito”, c) “[...] ditas de, e em um, sujeito” e d) “[...] não ditas de, nem em um, sujeito”. Note-se de antemão que essas classes não parecem ter caráter rigorosamente técnico ou científico. Embora os comentaristas neoplatônicos sejam unânimes em identifica-las com conceitos doutrinários,¹¹ as frases acima soam como distinções (ou conclusões) alcançadas a partir de conversações e debates; isto é, como o resultado de discussão dialética. Quanto às ideias básicas que representam, os exemplos fornecidos facilitam uma identificação inicial: a) gênero de um sujeito (ex.: “homem”); b) atributo de um sujeito (“alfabetizado”, “branco”); c) gênero de um atributo (“conhecimento”); e d) sujeito (“um certo homem”).

É digno de nota que as quatro classes podem ser entendidas como a derivação de duas noções elementares; o sujeito (enquanto um ser vivo) e seus atributos.¹² De fato, não só seres vivos (como um homem ou um cavalo [d]) mas também atributos (como alfabetização [b]) são caracterizados como “indivíduos” e “sujeitos”. Qualquer corpo (ou objeto) pode, então, ser compreendido a partir dessas duas noções. Por exemplo, caso nos depáramos com um certo algo ou alguém na rua, o ponto de partida para que o compreendamos são dois: esse algo ou o alguém

em específico (João, Maria, ou um certo cavalo, *e.g.* Itajara [d]) e que esse algo ou alguém é branco ou alfabetizado [b]. De fato, das quatro classes acima essas são as duas distinções a serem imediatamente identificadas entre as dez categorias. Nesse caso particular, substância (João, Maria ou Itajara) e qualidade (branco ou alfabetizado). Do mesmo modo, as outras distinções, humano [a] e cor ou conhecimento [c] são vistas como derivações dessas classes básicas. Os gêneros (sejam o homem ou o conhecimento) são os universais, um grupo formado *a posteriori* pela totalidade ou generalização de certos particulares.

Não obstante todo o esforço de interpretação da abordagem idealista, essa e outras passagens do *Categorias* têm uma perspectiva inapelavelmente empírica. Note-se que o sistema apresentado acima é claramente elaborado sob a ideia de “dependência”. Algumas coisas são ditas (ou não) a respeito de outras, e estão dentro (ou não) de outras; ou seja, aquelas só existem caso essas existam. Aristóteles nos propõe uma ontologia básica onde só um indivíduo – ou um ser vivo em particular – tem sua existência independentemente assegurada; atributos e gêneros só existem caso estejam em um ou sejam ditos desse sujeito. Agora, como qualquer particular, o ser em questão é em última instância uma concepção empírica. Por serem corpos materiais por definição, particulares não podem ser conceitualmente identificados por discurso, sendo passíveis de completa apreensão apenas pelos sentidos (cf. Filop. 31.20-25).

De novo, os comentaristas neoplatônicos enfrentavam óbvias dificuldades em aproximar Aristóteles e Platão ao lidar com uma ontologia que subvertia explicitamente o esquema deste último. Em primeiro lugar, a ideia de que o que está “em um sujeito [...] não pode existir separadamente daquilo em que está” contradiz o cerne da teoria platônica das “formas” na qual os vários indivíduos “participam em” entidades genéricas ideais (como o “Branco”) e têm sua existência em última instância derivada destas. Ademais, o sujeito fundamental (“ὑποκείμενον”) a partir do qual o sistema ontológico é estruturado no *Categorias* é inconvenientemente similar à noção de “matéria” – uma

verdadeira heresia para qualquer idealista. Vale expor, afinal, as respostas dos comentaristas a essas dificuldades.

Os neoplatônicos basicamente alegam que o *Categorias* não é uma obra sobre metafísica, de modo que Aristóteles não empregaria nesse trabalho introdutório um vocabulário estritamente científico.¹³ Filopono e Porfírio, por exemplo, reivindicam a tese de que “sujeito” (“ὑποκείμενον”) pode ter significados distintos. Filopono diz que há sujeitos substanciais (ou existenciais) que são os universais, e sujeitos de predicação que são os particulares. Os substanciais são os universais uma vez que os particulares derivam sua existência destes conquanto funcionem como sujeitos de predicação dos mesmos. Caso não houvesse simplesmente o gênero humano, não haveria Sócrates ou Platão (*In Cat.* 30.25-31). Já para Simplício sujeito pode significar “substrato” ou “matéria”. O substrato seria substancial no sentido em que já seria composto de “forma” e “matéria”. “Sujeito” no *Categorias*, assim, significa substrato no sentido em que é um recipiente individualizado das outras nove categorias (ou acidentes). Da mesma maneira, sujeito aqui não condiz com o conceito de matéria já que esta última não é nem individualizada (“τόδε”) nem algo (“τί”).¹⁴

É também digna de nota a expressão “[...] não como sua parte” cuja interpretação requer muitas linhas de comentário. De fato, a relação entre “parte” e “todo”, que subjaz a essa passagem, é uma das questões seminais da metafísica. Os juízos de Aristóteles quanto ao tema devem propriamente analisados no comentário ao quinto capítulo. Cabe aqui mencionar dois aspectos básicos da questão. O primeiro diz respeito ao que propriamente se qualifica como “parte” de um corpo. A cor, a figura, o tamanho, e os membros são partes intrínsecas (ou substanciais) do corpo, ou seriam atributos que estão “em um sujeito” (cf. *Simpl.* 48.1 *sqn.*; *Dexip.* 23.17-24, 18)? O segundo aspecto é a questão metafísica em si. O corpo (ou o sujeito) deve ser concebido *a priori* ou *a posteriori* de suas partes? Mais especificamente, o todo é meramente o conjunto de suas partes, ou algo além desse conjunto? Vale lembrar aqui que Platão posicionou-se claramente pela segunda

opção no seu *Parmênides*. Quanto ao Estagirita, veremos no comentário ao *Categorias* cap. V sua posição oscilante sobre o tema.

Finalmente, note-se que do esquema bipartite do parágrafo anterior (“com” ou “sem complexão”), Aristóteles passa para um quadripartite. Um pouco mais abaixo no texto ele chega à divisão de dez partes, as categorias. A progressão numérica $2 > 4 > 10$ alimenta a tese de que a obra tem inspiração pitagórica. Com efeito, suspeitou-se até o fim da antiguidade de que o *Categorias* fosse parte da tradição iniciada por Pitágoras e que Aristóteles tenha baseado seu texto em um original redigido pelo filósofo e matemático Arquitas, contemporâneo de Platão.¹⁵ Filopono nos faz lembrar da importância dos números acima na numerologia pitagórica: $1 \times 2 = 2$; $2 \times 2 = 4$; $1 + 2 + 3 + 4 = 10$ (*In Cat.* 28.1-0). Não obstante as obscuridades dessa tradição, vale notar que essa progressão justificava a porquê desse número específico de categorias. Como o 2 continha o 4, e o 4 por sua vez o 10, o 10 (o número do nosso sistema matemático) compreendia todas as coisas existentes no mundo.

CAPÍTULO III

1b 10: “Quando uma coisa se predica de outra [ἑτέρον καθ' ἑτέρου κατηγορηται] como de seu sujeito, tudo o que for dito do predicado também será dito do sujeito. Por exemplo, homem se predica de um certo homem [τοῦ τινὸς ἀνθρώπου] e animal de homem; e então, animal também será predicado de um certo homem. Com efeito, um certo homem é um homem e também um animal”.

1b 16: “Das coisas de gêneros distintos e não arranjados uns sob os outros, também diferentes serão as diferenças [αἱ διαφοραὶ] em espécie. Por exemplo, de animal e de conhecimento, pois o pedestre, o alado, o aquático e o bípede são diferenças de animal, mas nenhuma delas é de conhecimento; pois um conhecimento não difere de outro conhecimento por ser bípede. Quanto aos gêneros arranjados sob outros, nada impede tenham as mesmas diferenças; pois os de cima são predicados dos gêneros

que estão sob eles, de modo que tantas são as diferenças do predicado quantas serão também as do sujeito”.

Filopono e Simpício (*ad loc*) comentam que Aristóteles estaria aqui se movendo do que está “em um sujeito” para o que é “dito de um sujeito”. De fato, o capítulo é inteiramente dedicado aos chamados universais, ou seja, aos predicados que se aplicam a uma pluralidade de indivíduos. Embora os comentaristas neoplatônicos não expliquem tal ordem de apresentação, note-se aqui a prioridade dos particulares (*i.e.*, atributos de indivíduos ou “em um sujeito”) em relação aos universais (espécies e gêneros). Quanto ao conteúdo específico da passagem, o autor busca estabelecer a transitividade das predicções dentro das classes taxonômicas. Os comentários, entretanto, ressaltam várias objeções às regras preconizadas.

A transitividade prescrita no primeiro parágrafo parece ser evidente. Se B é dito de A, e C é dito de B, então C é dito de A. Quase todos os comentários, entretanto, mencionam objeções à essa regra (cf. *i.a.* Simpl. 52.9-18). Por exemplo, se homem é uma espécie, então Sócrates é, então, uma espécie? A resposta dos comentaristas a tal observação também é unânime. O princípio de transitividade só valeria para predicados essenciais (ou substanciais). Como “gênero” ou “espécie” não são ditos essencialmente, porém apenas acidentalmente (*i.e.*, concomitantemente) de homem,¹⁶ o princípio não se aplicaria nesse caso. Em conformidade, entenda-se o que é “dito de um sujeito” como o que é predicado “sinonimamente” (Simpl. 52.20).

Outra crítica recorrente se refere à frase inicial “uma coisa se predica de outra” (“ἕτερον καθ' ἑτέρου κατηγορεῖται”). O que está em questão aqui é a identidade (ou não) entre sujeito e predicado (*i.e.* sua espécie ou gênero). O comentário anônimo é o que melhor expõe a invectiva. Segundo os críticos, a diferença (“[...] ἕτερον καθ' ἑτέρου [...]”) entre sujeito e predicado é inconsistente pois quando predicamos o gênero da espécie (por exemplo), consideramos o gênero apenas com relação àquela espécie e a espécie apenas com relação aquele gênero – e não enquanto esta contém outras características que a diferenciem deste gênero. De fato, a cor é

predicada do branco porque o branco é *apenas uma* das cores (cf. Chiaradonna *et al.* 2013, 149). Os comentaristas respondem à essa observação invocando duas acepções de “gênero”: o “alocado” (“*katatachthen*”) e o “não alocado” (“*akatatakton*”). Assim, sujeito e predicado seriam diferentes no sentido em que apenas o gênero alocado seria igual à espécie, o não-alocado permaneceria diferente (ver também Simpl. 53.4-17).

O início do segundo parágrafo (1b 16-20) soa como a passagem menos polêmica do capítulo. Aqui o texto faz a primeira menção ao conceito de “diferença” (“*διαφορά*”). Como dito acima, a diferença é um conceito central na teoria lógico-ontológica de Aristóteles uma vez que a fórmula definatória de uma espécie é formada pelo gênero mais a diferença específica (*e.g.* “o homem é animal racional”). Como o gênero e a espécie, a diferença é “dita de e não está em um sujeito” (cf. cap. v, 3a 21). Ela é, afinal, um universal. Dos comentários preservados, a melhor descrição do chamado “diagrama em árvore” da ontologia proposta por Aristóteles pertence a Porfírio: gênero significa o que é predicado essencialmente de diversas coisas que só diferem em espécie [...] espécie significa o que é predicado essencialmente de diversas coisas que só diferem em número [...] diferença é algo predicado como uma “qualidade essencial” de várias coisas (*In Cat.* 82.5-25). É incontroversa assim a ideia de que serão sempre distintas as diferenças das espécies distintas em gênero.

O final do parágrafo (1b 20) contém outras dificuldades. Aristóteles efetivamente diz que classes taxonômicas da mesma “árvore” podem ter as mesmas diferenças uma vez que as diferenças das classes de cima são as mesmas das classes de baixo. De fato, os problemas com tal proposição não escaparam aos críticos da obra.¹⁷ O animal pode ser racional ou irracional, mas o pássaro não; o pássaro é apenas irracional. De acordo com a tradição, o primeiro a lidar com a aporia foi o peripatético Boetho. Segundo Simplício, Boetho sugeriu a alteração do texto transmitido de modo que a relação entre “predicado” e “sujeito” na frase fosse invertida (58, 27-59, 4). Com efeito, veja-se que nesse caso, a frase faz perfeitamente sentido: “[...] tantas são as

diferenças do sujeito, quantas serão as do predicado”. Mais especificamente, quando o indivíduo é, por exemplo, bípede e aquático, essas diferenças necessariamente pertencerão a sua espécie e gênero.

Simplicio refere-se à solução de Boetho como a que indicou a correta (59.5-6). Ele e os demais comentaristas neoplatônicos não ousaram alterar o texto, mas respondem à essa aporia ressaltando que Aristóteles referia-se aqui apenas às chamadas diferenças “constitutivas” (“*sustatikaí*”), e não às “divisivas” (“*diairetikaí*”). As primeiras constituem a essência do gênero, como “sensível” e “automotriz” no caso de animal, enquanto as últimas seriam subdivisões da classe como “racional” e “irracional”. Simplicio chama assim as primeiras de “universais”, no sentido em que correspondem ao texto transmitido: “ὥστε ὅσαι τοῦ κατηγορουμένου διαφοραί εἰσι, τοσαῦται καὶ τοῦ ὑποκειμένου ἔσονται”.

Como podemos ver, o capítulo relativo aos universais, ou às coisas que são “ditas de algo”, era foco de polêmicas. Afinal, além dessas dificuldades inerentes ao texto, fica também em dúvida a compreensão da identidade dos indivíduos de acordo com a ontologia do diagrama em árvore. A aporia pode ser percebida na própria descrição do relacionamento entre as classes taxonômicas em Simplicio. O comentarista basicamente cita o esquema transmitido por Porfírio acima (82.5-25): gênero significa o que é predicado essencialmente de diversas coisas que só diferem em espécie; espécie significa o que é predicado essencialmente de diversas coisas que só diferem em número; diferença (“*differentia*”) é algo predicado como uma qualidade essencial de diversas coisas que diferem em espécie (Simpl. 54.27 sqn.). Simplicio, entretanto, acrescenta “indivíduos” à árvore ontológica; ou seja, ele também tenta descrever “coisas distintas em número” a partir de outros predicados. “Coisas distintas em número, ao contrário, têm a propriedade característica [*idiotes*] de sua existência determinada por meio do concurso de acidentes” (cf. Simpl. 55.2-5). Com efeito, a descrição de indivíduos destoa dos restantes (cf. “ao contrário”) na medida em que este não é compreendido

“idealmente”. Contrastando com as classes acima no diagrama, o indivíduo não é apreendido a partir do esquema de gradual especificação de uma ideia geral (gênero + differentia = subgênero, ou [sub]gênero + differentia = espécie).

Como já mencionado, Aristóteles não considerava que indivíduos pudessem ser definidos cientificamente (cf. *i.a.* Filop. 31, 20-25). A descrição de Simplicio, que também é a encontrada no *Isagoge* de Porfírio (7.20-25; ver também Dexip. *In Cat.* 30.21-30), basicamente corrobora esse juízo no sentido em que uma “conjunção de acidentes” – ou seja, de qualidades concomitantes ou não-essenciais – soa como algo que é, em última instância, indeterminado. Não obstante o endosso ou não dos neoplatônicos à essa caracterização,¹⁸ vale novamente notar as duas perspectivas ontológicas opostas que subjaziam ao texto do *Categorias* e que os intérpretes de diferentes escolas na antiguidade tentavam realçar.

Veja-se, de início, que a perspectiva platônica-idealista, que prevaleceu na antiguidade tardia e através da idade média, enfatiza a importância da ideia de definição em Aristóteles uma vez que esta estrutura o mundo a partir do alto da árvore ontológica. Essa tendência pode ser percebida na explicação para a diferença entre as classes (“[...] ἕτερον καθ' ἑτέρου [...]”) com os conceitos de “alocado” e “não alocao”, mas também na fidedigna descrição da árvore ontológica aristotélica pelos neoplatônicos. De fato, uma unidade genérica identifica seus subgêneros da mesma maneira que um desses identifica suas espécies porque a fórmula definitiva do gênero é perfeitamente imputável às classes abaixo (subgênero e espécie).¹⁹ Por outro lado, a dificuldade com a tese de que as diferenças do sujeito seguem aquelas do predicado revelam um claro problema com o modelo ontológico *top-down* (ou “de cima para baixo”). Como a alteração sugerida por Boetho deixa claro, se a relação expressa entre sujeito e predicado (1b 20) tem alguma validade, as diferenças (ou qualidades essenciais) de uma classe taxonômica (um gênero, por exemplo) devem ser concebidas a partir da parte de baixo da árvore; isto é, a partir da percepção empírica de indivíduos.

Afinal, veja-se que a descrição de indivíduos pelos neoplatônicos também parece pertencer ao modelo empírico. Como mencionado acima, não se vê aqui uma perspectiva demonstrativa onde uma ideia geral é paulatinamente definida em diversas espécies. Ao contrário, o “curso de acidentes” soa como um procedimento dialético ou indutivo. O objeto (*i.e.*, o indivíduo) não é definido por meio de dedução, mas a partir da reunião coerente de diversas percepções de suas qualidades. Vale também notar que o neoplatônico Proclo atribuía tal caracterização à escola peripatética. Tal filósofo da antiguidade tardia criticava a ideia por considerar que esta consistia na inferência de entes superiores (substância) a partir de inferiores (propriedades accidentais).²⁰

CAPÍTULO IV

1b 25: “Cada uma das coisas ditas sem nenhuma combinação significa ou substância, ou o quanto, ou o qual, ou com relação ao quê, ou onde, ou quando, ou estar em uma posição, ou ter, ou fazer, ou sofrer. Numa palavra, ‘substância’ é, por exemplo, homem, cavalo; e é ‘o quanto’, por exemplo, dois côvados, três côvados; e ‘o qual’, por exemplo, branco, e alfabetizado [γραμμαστικόν]; ‘relativo ao quê’: ao dobro, à metade, ao maior; e ‘onde’: no Liceu, na ágora; e ‘quando’: ontem, ano passado; ‘estar em uma posição’: está deitado, está sentado; e ‘ter’: está calçado, está armado; e ‘fazer’: por exemplo, cortar, queimar; e ‘sofrer’: ser cortado, ser queimado”.

Temos acesso, afinal, nesse último capítulo dos chamados “*antepraedicamenta*” – isto é, a seção que antecede aquela onde as categorias são efetivamente analisadas, a “*praedicamenta*” (cap. 5-9) – às dez categorias. Como o texto deixa claro, o capítulo reitera noções do segundo capítulo. Das quatro maneiras em que as coisas são ditas com combinação passa-se às coisas “ditas sem combinação” (“τῶν κατὰ μηδεμίαν συμπλοκὴν λεγομένων [...]"). Os comentaristas neoplatônicos lembram, então, que a obra trata de expressões (“*lexeis*”) que primordialmente significam o que

efetivamente existe (“τὰ ὅντα”).²¹ Filopono, como de costume, é o mais claro e sucinto: “tendo fornecido antes uma divisão quadripartite do que há (“τὰ ὅντα”) como [expressões] complexas, Aristóteles agora apresenta uma divisão de dez partes do que há como [expressões] simples. Primeiro, ele nos fornece uma espécie de sumário por meio de exemplos para nos dar uma noção deles, mas mais tarde nos ensinará em detalhe sobre cada um” (*In Cat.* 43.5-9).

Veja-se, de início, que o número de classes, e mesmo a identidade das próprias, foi matéria de amplos debates na antiguidade. Os críticos da lista proposta por Aristóteles podem ser divididos em três grupos (cf. *Simpl.* 63.31-34; *Porph.* 86.31-32; *Dexip.* 32.17-34, 2). Alguns reprovaram a lista por considerarem o número de categorias excessivo. Outros, ao contrário, a criticavam por entender que o número era deficiente. Afinal, um último grupo entendia que o sistema deveria ser reformulado. O debate é, sem dúvida, interessante na medida em que joga mais luz nas prévias discussões sobre o título, propósito, e afiliação do *Categorias* dentro da obra aristotélica.

Se começarmos a análise pelo primeiro grupo, vemos que essa crítica é germana à ideia de que o propósito da obra é metafísico, ou teológico, de modo que as categorias corresponderiam a gêneros efetivamente universais. Como se lê em Simplício, tais críticos pensavam, por exemplo, que as categorias “fazer” e “sofrer” poderiam perfeitamente ser agrupadas sob um único gênero, “ser movido” (*In Cat.* 63.4-10). Havia também os seguidores de Xenócrates e Andrônico que reduziam drasticamente a lista a apenas duas classes opostas, “por si mesmo” (“καθ' αὐτό”) e “relativo” (“πρός τι”); ou outros ainda que similarmente limitariam as classes à “substância” e “acidente” (*Simpl.* 63.23-26). De fato, embora o testemunho de Simplício aqui seja confuso,²² percebe-se nesse grupo o desejo de simplificar a divisão de maneira a reduzir as classes às noções mais abrangentes (ou universais) possíveis. “Acidente”, por exemplo, como o “relativo”, é aquilo que sempre pertence a outras coisas, enquanto

“substância” é o que existe independentemente, ou “por si mesmo”.

Os críticos que consideram o número de categorias deficiente o fazem por razões aparentemente distintas. Havia, por um lado, a reclamação da ausência de categorias dedicadas a palavras como conjunções, artigos, preposições, advérbios, negações e também de uma classe identificando modos verbais (cf. Simpl. 64.18-65, 13; Porf. 59.3-15; Dexip. 11.7-12, 30). Esse tipo de crítica soa como parte integral da corrente de interpretação segundo a qual o *Categorias* seria um trabalho vinculado à lógica indutivo-dialética do estagirita. Assim, como a obra se propunha ao esclarecimento (ou desambiguação) de quaisquer proposições (ou de palavras enquanto palavras, *i.e.*, “*phōnai*”), sua análise deveria se estender também a expressões desprovidas de objeto referencial (como conjunções, artigos [...]), isto é, a obra se confundiria com um trabalho sobre o uso da linguagem, que logicamente inclui modos verbais em seu escopo. Por outro lado, há conjuntamente a reprimenda de que a lista de dez categorias também não considerava conceitos importantes como o Um, o mônada, e o ponto (Simpl. 65.13-25; Filop. 46.14 sqn.). De fato, essa crítica, digna de um platonista, parece fazer parte da corrente oposta àquela mencionada acima. Ao reclamar da ausência de tal análise, a invectiva implica que o sistema do *Categorias* tem como escopo todo o plano ontológico uma vez que também a realidade inteligível, e não só a sensível, seria objeto ideal do sistema. Vale ressaltar que os conceitos acima tentam capturar a ideia básica de uma unidade fundamental, ou um princípio, a partir da qual as demais categorias seriam formadas (ou deduzidas).²³

Com relação à procedência das críticas acima, a tradição neoplatônica preservada é algo obscura. Embora os estoicos Athenodoro e Cornuto sejam regularmente citados como críticos do reduzido número de categorias – quando os comentaristas se referem aos intérpretes que consideravam as palavras (“*phōnai*”) como propósito do livro (ver abaixo) – o detalhado comentário de Simplicio atribui a questão da deficiência das categorias especificamente a Lúcio e Nicostrato, pensadores de tendência

platônica.²⁴ De qualquer maneira, como as duas críticas aparentemente distintas – *i.e.*, sobre a ausência de palavras não-referenciais e da realidade inteligível – são atribuídas à mesma origem ideológica (“outros, como os seguidores de Nicostrato, declaram que a divisão é deficiente [...]”, Simpl. 64.18 sqn.), tem-se a impressão que os críticos em questão atacavam algo como a unidade ou coerência interna do texto do *Categorias*. E, com efeito, esse tipo de invectiva contra a própria consistência da obra podia ser encontrada tanto nos platonistas Nicostrato e Lúcio (cf. Simpl. 1.17-24) como nos estoicos acima (cf. Simpl. 18.22-19, 8).²⁵

Os estoicos aparecem efetivamente como o terceiro grupo de críticos; isto é, aqueles que apresentam um sistema que substitua o proposto por Aristóteles. Uma análise detalhada da posição estoica sobre o *Categorias* é importante no sentido em que, como dito acima, joga mais luz sobre a questão do título, propósito e afiliação da obra. Então, para entender a proposta de redistribuição das categorias, é preciso ter em consideração o julgamento dos estoicos Athenodoro e Cornuto transmitido pelo neoplatônico Simplicio (18.26-19, 9):

Ademais, alguns contradizem Aristóteles e rejeitam sua divisão: desses, alguns reclamam que esta é inutilmente redundante, outros que omite muitas coisas, como Athenodoro e Cornuto que acreditavam que o propósito da obra é sobre expressões na medida em que são expressões. Eles fornecem muitas expressões como exemplos, algumas literais e outras figurativas, e assim julgam que refutam a divisão, uma vez que esta não inclui todas as possíveis expressões. Essas pessoas também julgam que há uma divisão de *nomes* em homônimos, sinônimos e parônimos, e supõe que o livro é uma coleção heterogênea de especulações sobre lógica, física, ética e teologia. Para eles, as especulações sobre homônimos, sinônimos e parônimos são de caráter lógico, como é, além disso, aquela sobre opostos. Aquelas sobre movimento, eles dizem, são de caráter físico, enquanto aquelas sobre virtude e vício são da ética, assim como as considerações filosóficas sobre os dez gêneros são teológicas. Entretanto, a verdade é diferente. Aristóteles não está executando uma divisão sobre nomes, pois caso estivesse ele não omitiria heterônimos e poliônimos.

Como se lê no início da passagem, os estoicos Athenodoro e Cornuto consideravam que o propósito da obra, ou seu “*skopos*”, eram palavras enquanto palavras (*i.e.*, “*phōnāi*”). Respectivamente, como mencionado acima (cf. n15), essa posição se inseria em uma crítica geral sobre a obra; “o livro é uma coleção heterogênea de especulações sobre lógica, física, ética e teologia”. Agora, é importante notar que a apresentação do terceiro grupo de críticos do *Categorias* soa nitidamente como um complemento a essa passagem. Veja-se, de início, que os comentaristas mencionam duas propostas de redistribuição (cf. Simpl. 66.16 sqn. e Dexip. 34.3-24): “[M]ovimento” substituindo “fazer” e “sofrer”, e a substituição total das dez classes pelas “quatro categorias dos estoicos”.²⁶ Ou seja, tais propostas correspondem fielmente às críticas de Athenodoro e Cornuto. “Fazer” e “sofrer” (isto é, “movimento”) são conceitos estudados pela filosofia da natureza, a *Física*, e, portanto, não devem integrar um livro como o *Categorias*. Correspondentemente, como no início da obra há considerações sobre lógica, as dez classes elencadas por Aristóteles são equivocadas. Os estoicos propõem, ao invés, que estas sejam substituídas pelas suas quatro categorias que são efetivamente “lógicas”.

De novo, o fato de que as categorias estoicas foram consideradas como um aperfeiçoamento das categorias aristotélicas esclarece as questões relativas ao contexto em que essas últimas foram elaboradas. Ao considerar que o propósito do texto eram expressões verbais enquanto expressões verbais (“*phōnāi*”), os intérpretes estoicos atribuíam-no àquela específica parte da dialética estoica que lidava com assuntos linguísticos e lexicais; isto é, não a dialética referente à lógica e carga ontológica intrínseca à linguagem, mas aquela interessada nos meios de expressão desta.²⁷ Afinal, ao propor a substituição do *Categorias* pelas quatro categorias estoicas com o argumento de que o livro integraria a chamada dialética de vocalização (“[...] καὶ τῆς φωνῆς τόπον”, cf. n17), Athenodoro e Cornuto estavam associando firmemente o texto (ou o projeto deste) à “retórica”; em outras palavras, eles

defendem a ideia de que o propósito do *Categorias* é integrar efetivamente a filosofia aos debates políticos e jurídicos.

Como exposto na introdução, o propósito deste trabalho é compreender o texto Aristotélico tendo como ponto de partida sua recepção na antiguidade. De fato, a ideia de que as categorias estoicas representam o apuramento de uma obra cujo projeto original era retórico-dialético revigora a corrente de opinião que o escopo do livro eram palavras (“*phōnai*”), que este era afiliado à lógica indutiva, e que se intitulava *Introdução aos tópicos* ou *aos locais*. Voltaremos mais adiante à recepção do *Categorias* pelos estoicos. Cabe agora analisar as dez categorias como apresentadas por Aristóteles. Com efeito, é digno de nota que o sistema apresentado faz realmente sentido quando pensado como material organizado com propósito de discussão dialética. Veja-se, antes de tudo, que as dez classes elencadas só reaparecem no primeiro livro do *Tópicos* (I.9). Ademais, a nomeação e exemplos das categorias indicam que o esquema tem origem na tradição “socrática” da Academia e que visava a sistematização de todos os predicados aplicáveis a uma única pessoa em um determinado momento.

Se começarmos pela “substância” (“ἔστι δὲ οὐσία [...] εἰπεῖν οἷον ἄνθρωπος, ἵππος”), percebemos que trata-se de um “indivíduo”, isto é, a chamada substância primeira e não aquela relativa a gêneros (cf. especialmente cap. v). A condição de indivíduo assegurava que o objeto físico (*i.e.*, o sujeito) permanecia o mesmo embora diferentes predicados lhe fossem aplicados. Do mesmo modo, o indivíduo não é um item que admita definição formal. A resposta para a questão “o que é isto?” não é uma fórmula, mas uma “indicação”: “Sócrates”, “Corisco” ou “Itajara”; *i.e.*, o próprio ato de atribuir nome às coisas. A substância, afinal, não é um predicado; ela consta como o sujeito, o objeto concreto a receber variadas predicções. Em contrapartida, as demais categorias soam como os predicados aplicáveis a um objeto particular sem se implicar em contradição.

Veja-se, de início, que cinco categorias (além de “substância”, que aparece no *Tópicos* [I.9] como “o que isso é”) são identificadas com nomes que sugerem respostas a perguntas: “[O]

quanto, o qual, o relativo ao quê, o onde, o quando” (“ἡ ποσὸν ἢ ποιὸν ἢ πρὸς τι ἢ ποῦ ἢ ποτέ”). De novo, essas hipotéticas perguntas não parecem requerer uma definição como resposta – como, por exemplo, a pergunta “o que é o homem [ou outro universal]?”. Ao contrário, a nomeação das categorias sugere que o foco está nas próprias perguntas, no próprio ato de “questionar e testar”. Em outras palavras, como esses nomes são derivados de formas específicas de questionamento, a inferência incontornável é que o esquema se originou na prática dialética.

Paralelamente, note-se que os atributos são aqueles aplicáveis ao sujeito em um determinado momento. A partir da indicação do sujeito (a substância, “Sócrates”, ou o cavalo “Itajara”), o esquema passa a seus atributos essenciais. Qual o tamanho de Sócrates (o “quanto”)? “três côvados”; qual são suas qualidades (o “qual”)? “branco”, “alfabetizado”; tendo relação com (ou relativo ao) o quê?: “Ao que é metade”, “ao que é o dobro”. Essas questões referem-se às especificidades básicas do objeto em questão (o sujeito). Após esses aspectos intrínsecos da substância, surgem as determinações extrínsecas. Onde está o sujeito? “No Liceu” ou “na Ágora”. Em que momento? “Ontem”, “no ano passado”. Com efeito, tais determinações intrínsecas e extrínsecas, ou as especificidades de um objeto em um ponto da estrutura espaço-temporal soam como a metodologia socrática de se escapar da rigorosa lógica de Parmênides em se aplicando muitos nomes a uma única coisa sem que isso implique em contradição.²⁸

Ademais, as restantes categorias, ou aquelas transmitidas por meio de verbos no infinitivo presente (“ἡ κεῖσθαι ἢ ἔχειν ἢ ποιεῖν ἢ πάσχειν”) dão a nítida impressão que o sujeito-substância é um ser humano.²⁹ Note-se, de início, que as classes de “estar posicionado” e “ter” só aparecem nas listas do *Categorias* e do *Tópicos*. Os exemplos da primeira (“ἀνάκειται, κάθεται”) sugerem, além de relações espaciais, uma “postura”, *i.e.*, posições aplicáveis apenas a estruturas complexas de animais aonde membros móveis são controlados por esforço voluntário. Já os exemplos fornecidos para “ter” (“ὑποδέδεται, ὥπλισται”), “fazer” (“τέμνει”, “καίει”), e “sofrer” (“τέμνεται”, “καίεται”) transmitem além da ideia de ser

humano, a própria imagem de civilização, isto é, o uso de artefatos, roupas, armas e instrumentos. Afinal, o fato de que essas classes são representadas por infinitivos presentes, e não substantivos, reforça a ideia de que as predicções são pensadas como aplicáveis em um momento específico. São possibilidades de atos “eventualmente” atribuíveis a uma pessoa.³⁰

A tese de que o *Categorias* consiste de um inventário de questões que permitiriam a um advogado, agente político, ou qualquer debatedor discernir aquilo que está efetivamente em disputa em um determinado debate é regularmente aventada.³¹ Como o detalhado estudo de Bodéüs nos mostra, há uma profunda afinidade entre o método indutivo e linguagem desse texto e o do *Tópicos*.³² Entretanto, como o mesmo autor frisa, o título *Introdução aos Tópicos* não parece se referir ao livro de Aristóteles que conhecemos.³³ De fato, ao explorarmos mais uma vez as categorias estoicas, como apresentadas no comentário de Simpício, surgem claros indícios de que o *Tópicos* ao qual o provável título do livro se refere seria algo como o livro *Topica* do grande orador romano Cícero. Então, como argumentado acima, Simpício apresenta as categorias estoicas quando lista os sistemas que poderiam substituir o aristotélico:³⁴

Por sua parte, os estoicos consideram que os gêneros primários deveriam ser reduzidos a um número menor, e entre esse número menor eles adotariam alguns sob uma forma alterada. Pois conduzem a partilha até o número de quatro: ‘sujeito’, ‘qualificado’, ‘disposto de certa maneira’, e ‘disposto de certa maneira em relação a algo’ (“εις ὑποκείμενα καὶ ποῖα καὶ πῶς ἔχοντα καὶ πρὸς τὴν πῶς ἔχοντα”). É óbvio que eles deixam a maioria de fora – claramente, o “quanto”, coisas “no tempo” e “o local” das coisas – pois caso eles considerem que coisas como essa são inclusas pelo seu ‘disposto de certa maneira’, pois aquilo que ocorre ‘ano passado’, ou ‘no Liceu’, ou ‘estando sentado’, ou ‘sendo vestido’ é disposto de uma certa maneira de acordo com um deles, há então, em primeiro lugar, uma grande diferença entre essas coisas de modo que a generalidade de ‘disposto de certa maneira’ é aplicada a isso de uma maneira indistinta” (Simpl. 66.32-67, 7).

Como também argumentado acima, embora Simplício não associe diretamente as categorias estoicas a Athenodoro e Cornuto, há uma aparente conexão entre a crítica desses estoicos introduzida em *In Cat.* 18.26-19, 9 e o terceiro grupo de detratores do *Categorias*. Agora, há ainda mais indícios de que o sistema alternativo dos estoicos respondia ao teor das críticas desses filósofos. Veja-se que, como estudiosos modernos regularmente apontam, o sistema dos estoicos é fundamentalmente “lógico e não físico”. Isso é, como Athenodoro e Cornuto defendiam com relação ao projeto do *Categorias*, as quatro categorias parecem ter sido elaboradas com propósito dialético (*i.e.*, lógico).³⁵ De fato, como apresentado pelos comentaristas de Aristóteles,³⁶ as categorias estoicas são quatro abordagens ou perspectivas distintas de um mesmo objeto referencial. As perspectivas podem ser consideradas como progressivamente detalhadas, ou estratificadas, no sentido em que a segunda pressupõe a primeira, a terceira a segunda, e a quarta a terceira categoria: “sujeito” seria o princípio de existência do objeto; “(sujeito) qualificado” seria suas características permanentes ou altamente duráveis; “(sujeito qualificado) disposto de uma certa maneira” seria suas características em um determinado momento; e “(sujeito qualificado) disposto de uma certa maneira em relação a algo” seria as características de suas relações com algo externo. Em outras palavras, como “perspectivas”, as categorias não tem a validade ontológica (“τὰ ὄντα”) de algo físico; elas cumprem a função dialética de organizar lógico-racionalmente a compreensão do mundo e seus objetos.³⁷

Mais especificamente, duas obras clássicas nos permitem observar como as categorias aristotélicas e estoicas foram associadas em um contexto claramente dialético-retórico. A primeira é a *Topica* de Cícero, mencionada acima. Veja-se, de início, que, embora o autor afirme que a obra é baseada em um livro chamado *Tópicos* de Aristóteles no qual a retórica ostenta uma subestrutura filosófica (cf. §1–5), não há, com certeza, identidade entre a obra de Cícero e o *Tópicos* que foi preservado.³⁸ Os “τόποι” (ou “loci”) aos quais o título da obra especificamente se refere são

os tópicos centrais, as bases ou locais, a partir dos quais os argumentos válidos para qualquer disputa jurídica devem ser elaborados.³⁹ Agora, os “*tópoi*” são estratificados de uma maneira que lembra bastante as categorias estoicas:

Com respeito a aqueles Locais nos quais os argumentos estão contidos, alguns estão ligados ao próprio assunto em discussão e outros são trazidos de fora. Os do próprio assunto são: do todo; das suas partes; da etimologia; e das coisas que são de alguma maneira relacionadas ao assunto (“*in ipso tum ex toto, tum ex partibus eius, tum ex nota, tum ex iis rebus quae quodam modo affectae sunt ad id de quo quaeritur*” §8).⁴⁰

De fato, como acadêmicos regularmente atestam, a teoria argumentativa do *Topica* consiste basicamente da associação das doutrinas lógico-dialéticas do *Peripatos* e da *Stoa*.⁴¹

É através da outra obra clássica sobre retórica que percebemos a específica relação entre as “categorias” das duas escolas. A obra foi escrita mais de um século depois do *Topica*, mas traz uma passagem atribuída a um dos preceptores de Cícero que é diretamente associada a esse livro. Então, em sua metódica exposição da arte retórica na *Institutio oratoria* Quintiliano aborda o conceito de “*status*” (“*stásis*” em grego), isto é, as questões centrais com relação às quais a defesa deve construir seu argumento na disputa de um caso jurídico (*I. o. III cap. 6*). Nitidamente, a maioria dos autores que aparecem na lista dos que propuseram esse artifício são oradores. Há, entretanto, duas óbvias exceções, Aristóteles e o filósofo estoico Possidônio de Apamea, o mestre de Cícero. Quintiliano introduz o conceito no início do capítulo ressaltando que este tinha vários nomes. A partir da seção 23, ele lista as diversas propostas de status tendo como princípio as categorias de Aristóteles como apresentadas no *Categorias* 1b 25 acima.⁴² O fragmento do estoico Possidônio aparece na seção 37:

(III.6.2) O que nós chamamos de status, alguns denominam ‘ponto essencial’, outros ‘questão’ e ainda outros ‘aquilo que advém da questão’ [...] (6.21) Nossa opinião sempre foi essa: já que frequentemente há na causa diferentes status das

questões, é preciso considerar que o status da causa está naquilo que nela é mais importante e para o qual a matéria convirja o máximo possível. Caso alguém prefira chamar esse ponto de ‘questão geral’ ou ‘topo geral’, comigo isso não trará discussão [...] (6.23) Primeiramente, Aristóteles estabeleceu dez elementos, em torno dos quais toda a questão parece girar. A “οὐσίαν”, que Plauto denomina essência, sem dúvida não tem um nome latino que lhe corresponda; por ela se pergunta se a coisa existe. Depois enumera a ‘qualidade’, cuja compreensão é evidente. Após, a ‘quantidade’, que foi dividida em duas pelos sucessores: quão grande e quão numeroso o ser se apresenta? Depois a relação a algo, de que foram deduzidas a transferência [de competência] e a comparação. Depois dessas, o ‘onde’ e o ‘quando’; em seguida, o agir, o suportar e o possuir, que especificam assim estar armado ou estar vestido. Por último “κεῖσθαι”, que significa estar disposto de algum modo, como estar quente, estar em pé, estar com raiva. Todavia, os quatro primeiros de todos esses elementos parecem ajustar-se ao status e os restantes a certos locais de argumentos. Outro fixaram nove elementos: [...] (6.28) De resto, não acredito que o status esteja suficientemente manifesto por esses elementos, nem que todos os locais [de argumentos] sejam acomodados, como ficará claro para os que lerem o que eu diga de ambos com maior atenção. Pois haverá muito mais locais do que os compreendidos por esses elementos [...] (6.37) Há ainda autores que preferem relacionar as questões de identidade e diferença seja com a qualidade ou seja com a definição. Possidônio as divide em duas classes, vocalização e coisa em si. Quanto à vocalização, pensa que se deve inquirir se tenha significado, o que signifique, quantos significados tem, e de que modo [veio a ter tal significado]. Quanto à coisa em si, inquire a conjectura, que chama de “*kat’áisthesin*” [pela percepção], a qualidade, a definição, a quem dá o nome de “*kat’énnoian*” [pela inferência] e o em relação a algo.⁴³

A tese de que a participação de Possidônio para o conceito de status (6.37) representa as quatro categorias estoicas já foi proposta.⁴⁴ Entretanto, cabe aqui acrescentar que a passagem acima como um todo corresponde de maneira muito próxima às polêmicas dos estoicos nos comentários ao *Categorias*. Antes de analisar tal correspondência, veja-se que o texto de Quintiliano nos

permite distinguir os conceitos de “local” (“*tópos*” ou “*locus*”) e “*status*” (“*stásis*” ou “*constitutio*”, “*generale quaestio*” [...]). Os dois conceitos estão intimamente ligados, mas há entre eles uma diferença lógica ou dialética. Enquanto “local” diz respeito à teoria argumentativa, isto é, aos métodos de se formular argumentos; o “*status*” concerne às questões centrais a serem decididas.⁴⁵ A distinção sutil fica aparente quando é dito que, enquanto apenas as quatro primeiras categorias (ou elementos) configuram o status, as restantes são relativas a certos locais de argumentos (“*sed ex iis omnibus prima quattuor ad status pertinere, cetera ad quosdam locos argumentorum videntur*”). Note-se, também, que o teor dessa distinção é reiterado na seção 6.28 quando é dito que os que propuseram elementos não deixaram o status suficientemente claro, nem deixaram margem a todos os locais (“[...] *his nec status satis ostendi nec omnes contineri locos credo*”).

A semelhança com a polêmica estoica nos comentários começa a ficar clara nessa primeira crítica ao sistema de Aristóteles: “Pois haverá muito mais locais do que os compreendidos por esses elementos [...]” (“*erunt enim plura multo, quam quae his elementis comprehenduntur*”). Veja-se que Quintiliano basicamente reproduz a reprimenda dos estoicos acima. Ao se propor como um trabalho de caráter retórico-dialético (*i.e.*, lógico), o sistema de Aristóteles peca por ser incompleto. Vale aqui reproduzir parte do texto acima (Simpl. 18.27 sqn.):

Ademais, alguns contradizem Aristóteles e rejeitam sua divisão: desses, alguns reclamam que esta é inutilmente redundante, outros que omite muitas coisas, como Athenodoro e Cornuto que acreditavam que o propósito da obra é sobre expressões na medida em que são expressões [...].

De fato, o conceito de status de Possidônio segue de perto as revisões propostas pelos estoicos em Simplício com relação aos “gêneros primários”. Em primeiro lugar, note-se que o ponto de partida para sua análise também são “expressões como expressões” (“[*i*]n duo et Posidonius dividit, vocem et res. *In voce* [...]). Assim, como um conceito dialético, as quatro categorias são

aplicáveis às *duas* classes. Quando aplicadas a palavras (ou “vocalizações”), as “categorias” estratificadas servem basicamente como um método de desambiguação da linguagem: “ὑποκείμενα”, se a palavra existe; “ποιά”, qual o significado requerido; “πῶς ἔχοντα”, quais os outros possíveis significados;⁴⁶ “πρὸς τι πῶς ἔχοντα”, o significado etimológico ou a relação com outras palavras.⁴⁷ Quando aplicadas a coisas (“*res*”), as quatro categorias inquiram o fato em si. 1) algo foi efetivamente (ou sensorialmente) testemunhado? (cf. 6.40 “*De substantia est coniectura*”.); 2) qual a definição do fato evidente?; 3) o que é inferido a partir do fato?;⁴⁸ 4) a relação ou comparação com outros fatos ou casos jurídicos.⁴⁹

Ademais, uma breve incursão na obra preservada de Possidônio reforça a tese de que sua doutrina estoica embasou as polêmicas nos comentários ao *Categorias*. Uma metódica coleção dos fragmentos de Possidônio foi publicada pelos *scholars* Ian Kidd e Ludwig Edelstein em 1972 (testemunhos e fragmentos “E-K”) e posteriormente comentada (1988) e traduzida (1999). Veja-se, então, que Possidônio teve certamente acesso à obra de Aristóteles e Teofrasto (cf. F 253 E-K) e era célebre por incorporar doutrinas peripatéticas na filosofia estoica (cf. T 83-89 E-K; ver também).⁵⁰ Possidônio foi considerado por Cícero e outros o maior filósofo de seu século (cf. esp. T 32, 33, 38 e 48 E-K). Mais especificamente, o que se sabe pela coleção E-K é que Possidônio publicou um texto exatamente sobre o tema do status ou “Questões Gerais” (cf. F 43 E-K [...] “περὶ τῆς καθόλου ζητήσεως” cf. “*generale quaestio*” III.6.21). Além disso, o Athenodoro das polêmicas acima muito provavelmente teve acesso à produção de Possidônio. Como a maioria dos pesquisadores aponta,⁵¹ esse estoico era Athenodoro Calvo, um tutor de Otávio Augusto com quem Cícero se corresponde por cartas por volta do ano 44 a.C. pedindo que este o enviasse livros de Possidônio (F 41 a, b, c E-K).

A digressão sobre as categorias estoicas deixa claro que em um primeiro momento pós-aristotélico, isto é, durante a época helenística, o *Categorias* foi considerado como parte de lógica dialética do *Peripatos*. A digressão também esclarece a razão pela qual peripatéticos como Adrasto a intitulavam *Introdução aos tópicos*

ou *aos locais*. De fato, como se lê em Quintiliano e nas polêmicas dos estoicos, enquanto um livro voltado para o campo da dialética e oratória o *Categorias* era considerado limitado. O texto servia, então, como uma introdução e devia ser lido conjuntamente com outro texto o qual não foi preservado. Afinal, o conteúdo desse *Tópicos* ou *Locais* deveria ser semelhante ao do *Topica* de Cícero.

2a 4: “Cada uma das coisas já ditas, por si mesma, nada afirma, mas é pela combinação [συμπλοκή] delas entre si que acontece a afirmação. Pois toda a afirmação parece ser ou verdadeira ou falsa; e das coisas ditas sem combinação [κατὰ μηδεμίαν συμπλοκήν], nenhuma é verdadeira ou falsa, como por exemplo, homem, branco, corre, vence”.⁵²

Como intérpretes regularmente apontam,⁵³ esse último parágrafo faz sentido se considerarmos que “por combinação” (“συμπλοκή”), Aristóteles significa uma sentença envolvendo a combinação de sujeito e predicado por meio de cópula ou verbo finito (ex.: “o homem é moreno”, “o cavalo corre”, etc). De qualquer maneira, a ênfase na distinção entre as categorias em si (isto é, “κατὰ μηδεμίαν συμπλοκήν”) e a sentença verdadeira ou falsa reforça a ideia de que o propósito do texto é a articulação de ideias por meio de linguagem.⁵⁴ Em outras palavras, o escopo do livro é dialético ou mesmo retórico.

ABSTRACT

The aim of this article is to analyse the first four chapters of Aristotle's *Categories* taking its reception in antiquity as starting-point. It is known that Aristotle's works were catalogued since the first century BC by members of his school and commented by thinkers of diverse philosophical tendencies – that is, besides Peripatetics, also Stoics, Neopythagoreans and Neoplatonists. Making use of this rich preserved material, the article offers a commentary of the *Categories* I-IV (the so-called *Antepredicamenta* section) trying to understand the coherence of the commentators as regards their school of origin and pointing out how their conflicting positions illuminates the Aristotelian text itself.

KEYWORDS

Aristotle; Categories; Commentators; Rhetoric; Stoicism.

REFERÊNCIAS

- ACKRILL, J.L. **Aristotle**: Categories and De Interpretatione. Oxford: Oxford University Press, 1963.
- BARNES, J. **Porphyry**: Introduction. Oxford: Clarendon Press, 2003.
- BARNES, J. ; SCHOFIELD, M. ; SORABJI, R.K. (eds). **Articles on Aristotle**: Metaphysics New York; London: St. Martin's Press; Duckworth, 1979. v. 3.
- BASSETO, B.F. **Quintiliano**: Instituição oratória. Campinas: Editora Unicamp, 2020. Tomo I.
- BODÉÛS, R. **Catégories**: Aristote. Texte établi et traduit par Richard Bodéüs. Paris: Belles Lettres, 2001.
- BOECHAT, E. Stoic Physics and the Aristotelianism of Posidonius. **Ancient Philosophy**, n. 36, 2016, p. 424-463.
- CHASE, M. **Simplicius**: on Aristotle's Categories 1-4. London: Duckworth, 2003.
- CHIARADONNA, R. ; RASHED, M. **Boéthos de Sidon**: exégète d'Aristote et philosophe. Berlin; Boston: De Gruyter GmbH, 2020.
- CHIARADONNA, R. ; RASHED, M. ; SEDLEY, D. A Rediscovered Categories Commentary. **Oxford Studies in Ancient Philosophy**, n. 44, 2013, p. 129-194.
- COHEN, S.M; MATTHEWS, G.B. **Ammonius on Aristotle Categories**. London: Duckworth, 1991.
- DE HAAS, F.A.J.; FLEET, B. **Simplicius on Aristotle**: Categories 5-6. London; Ithaca (NY): Duckworth; Cornell University Press, 2001.
- DILLON, J.M. **Dexippus on Aristotle's Categories**. London; Ithaca (NY): Duckworth; Cornell University Press, 1990.
- DILLON, J.M. **The Heirs of Plato**: a Study of the Old Academy (347-274 BC). Oxford: Oxford University Press, 2003.
- EBBESEN, S. **Commentators and Commentaries on Aristotle's Sophistici Elenchi**: a Study of Post-Aristotelian Ancient and Medieval Writings on Fallacies. Leiden: s.n., 1981. 3 vol.
- EDELSTEIN, L; KIDD, I. **Posidonius**: the Fragments. Cambridge: Cambridge University Press, 1972. Vol. I.
- FREDE, M. **Essays in Ancient Philosophy**. Oxford: Clarendon Press, 1987.
- GILLESPIE, C.M. The Aristotelian Categories. **The Classical Quarterly**, n. 19, 1925, p. 75-84.

- HÜLSER, K. **Die Fragmente zur Dialektik der Stoiker**: Neue Sammlung der Texte mit Deutscher Übersetzung und Kommentaren. Stuttgart: Frommann-Holzboog, 1987.
- KIDD, I. **Posidonius**: the Commentary. Cambridge: Cambridge University Press, 1988. Vols. I and II.
- LLOYD, A.C. Grammar and Metaphysics in the Stoa. In: LONG, A.A. **Problems in Stoicism**. London: Athlone Press, 1971. p. 58-73.
- LONG, A.A. (ed.). **Problems in Stoicism**. London: Athlone Press, 1971.
- LONG, A.A. SEDLEY, D. (eds). **The Hellenistic Philosophers**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- MENN, S. Metaphysics, Dialectic and the Categories. **Revue de Métaphysique et de Morale**, v. 3, 1995, p. 311-337.
- MENN, S. The Stoic Theory of Categories. **Oxford Studies in Ancient Philosophy**, n. 17, 1999, p. 215-248.
- OWEN, G. E. L. Tithenai ta Phainomena. In: MASON, S. (ed.). **Aristote et les problèmes de méthode**. Louvain: Publications Universitaires, 1961. p. 83-103.
- REINHARDT, T. **Cicero's Topica**: Critical edition, translation, introduction, and commentary. Oxford: Oxford University Press, 2003.
- RIST, J. Categories and Their Uses. In: LONG, A.A. **Problems in Stoicism**, London: Athlone Press, 1971. p. 38-57.
- SANTOS, R. **Aristóteles**: Categorias e Da Interpretação. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2016.
- SIRKEL, R; TWEEDALE, M; HARRIS, J; KING, D. **Philoponus**: on Aristotle Categories 1-5 with Philoponus: a Treatise Concerning the Whole and the Parts. London: Bloomsbury Publishing, 2014.
- STRANGE, S. **Porphry**: on Aristotle 'Categories'. London: Duckworth, 1992.
- TARÁN, L. Speusippus and Aristotle on Homonymy and Synonymy. **Hermes**, n. 106, 1978, p. 73-99.
- TEIXEIRA DA MATA, J.M.T. **Aristóteles**: categorias. São Paulo: EdUNESP, 2018.

¹ Cf. Griffin, 2015, p. 78-99.

² De fato, Simplício e os comentaristas neoplatônicos insistem que o propósito do livro é ao mesmo tempo, coisas, conceitos e palavras. Entretanto, o diferencial dessa posição são os *conceitos* uma vez que esses filósofos acreditam que o conceito mediador entre a palavra e a coisa possui uma carga ontológica. Ver, especialmente, Filop. *In Cat.* 9.1-25.

³ Com relação à opinião de Boetho (e de peripatéticos em geral), ver Chiaradonna e Rashed (2020, p. 81-96).

⁴ cf. Bodéüs, 2001, p. XI-XXIII.

⁵ Note-se que Quintiliano menciona o uso das dez categorias como método dialético que auxilia a preparação de casos jurídicos (*Institutio oratoria*, III.6). Ver a análise da passagem no final do artigo.

⁶ Vale lembrar que tópicos (τοπική) significa a arte de descobrir locais (τόποι).

⁷ Frede, 1987, p. 15.

⁸ Cf. Tarán, 1978.

⁹ Para a recorrente associação entre *phaenomena* e *endoxa* em Aristóteles, ver Owen (1961, p. 83-92).

¹⁰ Ver Teixeira da Mata, Ackrill e Bodéüs *ad loc.*

¹¹ Ver *i. a.* Simpl. 44.11. Os comentaristas acrescentam que as frases são “enunciados descritivos”.

¹² Ver Simpl. 44.12-15; Porf. 71.28-34.

¹³ Ver Simpl. 12.1 sqn.; Filop. 34.16-25.

¹⁴ *In Cat.* 47.1-6.

¹⁵ Cf. Griffin, 2019.

¹⁶ A resposta certa para “o que é um homem?” não seria “uma espécie”, mas sim “animal racional”. O homem é uma espécie por ser concomitantemente uma classe que inclui vários membros. Cf. Porf. 81.3-22.

¹⁷ Segundo Simplício, os críticos são Nicostrato e seus seguidores (58.23-29).

¹⁸ Ver a análise de Barnes em seu comentário ao *Isagoge* (2003, p. 341-345).

¹⁹ Ver Bodéüs, 2001, 83-84.

²⁰ Cf. Barnes, 2003, p. 341.

²¹ Porph. 86.38.

²² Veja-se que Xenócrates, o terceiro escolarca da Academia, era razoavelmente mais velho que Aristóteles e não parece ter algum trabalho que corresponda efetivamente ao *Categorias* (cf. Dillon, 2003, p. 151 n173). Quanto a Andrônico, Simplício mais adiante no texto diz, contraditoriamente, que ele preservou as dez categorias (342, 24-25).

²³ Cf. Simpl. 66.11-15; ver Griffin, 2019, p. 88-89.

²⁴ Ver Griffin, 2019, p. 103-128.

²⁵ Note-se que imediatamente antes de reportar os três grupos de críticas, Simplício associa os estoicos e “platônicos” em uma crítica geral ao *Categorias*: “Many others disputed it, denouncing immediately the division into such a multitude; as did Athenodorus in his book which, although it was entitled “Against Aristotle’s Categories”, only investigated the Division into such a multitude. Both Cornutus, moreover, in the work he entitled “Against Athenodorus and Aristotle”, and Lucius and Nicostratus and their followers spoke out against the division, as they did against practically everything else. We ought, however, to take up the opposing arguments in definite terms, making a three-fold division of them [...]” (Simpl. 62.24-32; trad. Chase, 2003). Vale perceber que o estoico Athenodoro, surpreendentemente (cf. Chase, 2003, p. 144 n680), reclama agora do “número demasiado” de categorias. De novo, tem-se a impressão que tanto os estoicos como os platonistas criticavam a coerência interna da obra (cf.: “[A]s they did against practically everything else [...]).

²⁶ Griffin (2019, p. 152-153) defende a ideia de que as quatro categorias dos estoicos não pertencem a esse terceiro grupo de críticos, porém Dexippo deixa

clara a associação entre as duas propostas: “Uma vez que Movimento procede da potencialidade para a entelêquia diferentemente conforme este esteja na área da Qualidade ou Quantidade ou qualquer outra das categorias, não é possível concebê-lo como uma categoria singular [...] Mas se alguém irá organizar a maioria das categorias como pertencendo à classe de ‘Disposição’, como os estoicos fazem, deve ser demonstrado a eles que estão deixando de fora a grande maioria das coisas, como coisas no lugar e tempo [...]” (38, 15-25). Ver, também, Dillon, 1990, p. 63 n110 e p. 69 n130. Cf., também, n21 abaixo.

²⁷ Ver Diógenes Laércio VII, 43: “*Dialectic [according to the Stoics] falls under two heads: (a) that concerning signifieds and (b) that concerning vocalizations* (‘περὶ τῶν σημαινόμενων καὶ τῆς φωνῆς τόπον’) (a) *And the signifieds fall under the following headings: concerning the presentations and the sayables that arise from these* (‘περὶ τῶν φαντασιῶν τόπον καὶ τῶν ἐκ τούτων ὑφισταμένων λεκτῶν’), *propositions expressed and their constituent subjects and predicates and similar terms whether direct or reversed, genera or species, arguments too, moods, syllogisms, and fallacies ... (b) And the second main head mentioned above as belonging to dialectic is that of vocalization* (‘φωνή’), *wherein are included written language and the parts of speech, with a discussion of errors in syntax and in single words, poetical diction, verbal ambiguities, euphony and music, and according to some writers chapters on terms, division, and style*”.

²⁸ Ver o seminal artigo de Gillespie (1925, p. 77-79). O artigo foi selecionado para a coleção de Barnes, J, Schofield, M., and Sorabji, R.K. (eds) (1979).

²⁹ Cf. Gillespie, 1925, p. 81.

³⁰ Vale notar que “ter” no *Categorias* significa algo como “usar”, isto é, do que alguém estava fazendo uso (cf. Gillespie, 1925, p. 82–83). Cf. também Bodéüs (2001, p. LXXXVIII): “*Cratippe, fils de Sotion, un brave homme de vingt ans, était assis hier au théâtre, sans armes, em train de regarder, quando on l’a tué.*’ Cette phrase contient, à propos du sujet Cratippe, tous les genres d’indications [i.e. categorias] dont nous parlé”.

³¹ Cf. i.a. Frede, 1987, p. 11-48; Menn, 1995.

³² Cf. 2001, p. LXIV-LXXX. O próprio início do *Tópicos* deixa clara a dialética indutiva a que se propõe: “O objetivo desta exposição é encontrar um método que permita raciocinar, sobre todo e qualquer problema proposto, a partir de opiniões de aceitação geral, e assim defender um argumento sem nada dizermos de contraditório [...]”.

³³ 2001, p. LXXIX–LXXX.

³⁴ Veja-se, também, que Simplicio introduz um outro sistema que poderia substituir o aristotélico imediatamente depois do estoico: “*If, however, anyone desires to hear an inclusive division, which includes these ten genera, perhaps it would run like this [...]*” (67, 26 sqn.).

³⁵ Ver Rist (1971); Lloyd (1971); Hülser (1987, p. 1008-1009).

³⁶ Ver Long & Sedley, 1987, seção 29.

³⁷ Stephen Menn defende a tese de que as categorias estoicas não eram meramente lógicas (1999). Note-se, entretanto, que Plotino (4.7.4. 3-16) e Sexto Empírico (M. 8. 453) obviamente as julgavam assim. Ademais, além de reportar que as categorias eram aplicáveis também a coisas cujos membros eram separados como um coro, ou exército (i.e., não substanciais) [in: *Cat.* 214, 24-37], Simplicio informa que a segunda categoria era dividida entre “comumente qualificada” e “individualmente qualificada” (i.e., uma distinção obviamente lógica) [in: *Cat.* 48, 12–20].

³⁸ Cf. Reinhardt, 2003, p. 177.

³⁹ “*Ut igitur earum rerum quae absconditae sunt demonstrato et notato loco facilis inventio est, sic cum pervestigare argumentum aliquod volumus, locos nosse debemus; sic enim appellatae ab Aristotele sunt eae quasi sedes, e quibus argumenta promuntur. Itaque licet definire locum esse argumenti sedem, argumentum autem rationem quae rei dubiae faciat fidem*” (§ 7-8).

- ⁴⁰ Ver a tradição acadêmica da atribuição aos estoicos em Reinhardt (2005, p. 196 n16).
- ⁴¹ Ver especialmente o comentário de Reinhardt (2003) sobre os parágrafos § 26-34 e § 53-57.
- ⁴² Cf. Bodéüs 2001, xxii.
- ⁴³ Tradução de Basseto 2020 com alterações.
- ⁴⁴ Cf. Ebbesen, 1981, p. 109.
- ⁴⁵ Cf. Reinhardt, 2003, p. 26 n22.
- ⁴⁶ A expressão “*quam multa*” é esclarecida por III.6.31: “*Fuerunt, qui duos status facerent : Archedemus coniecturalem et finitivum, exclusa qualitate, quia sic de ea quaeri existimabat, quid esset iniquum, quid iniustum, quid dicto audientem non esse, quod vocat de eodem et alio. Cf. 6.37: Sunt et qui de eodem et de alio modo qualitatem esse modo finitionem velint [...]”. Nas “palavras” apenas a definição conta (“*modo finitionem*”), a qualidade seriam definições distintas. Ver também a próxima nota.*
- ⁴⁷ Cf. Kidd, 1988, p. 688.
- ⁴⁸ Aqui, complementarmente, o foco é na qualidade. Cf. 6.33-34: “*Sed quemadmodum ab Archedemo qualitas exclusa est, sic ab his repudiata finitio [...]* *Qua in opinione Pamphilus fuit, sed qualitatem in plura partitus est; plurimi deinceps, mutatis tantum nominibus, in rem de qua constet, et in rem de qua non constet*”.
- ⁴⁹ Cf. Kidd, 1988, p. 689.
- ⁵⁰ Boechat, 2016.
- ⁵¹ Cf. Griffin 2019, p. 135-137.
- ⁵² A tradução do texto aristotélico segue, com algumas alterações, a edição de Teixeira da Mata (2018).
- ⁵³ Cf. Bodéüs, 2001 *ad loc.*
- ⁵⁴ Cf. Teixeira da Mata 2018, 221